

# **CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA ARTESANAL DE PRODUÇÃO DE SAL NO LITORAL SETENTRIONAL DO RIO GRANDE DO NORTE**

CHARACTERIZATION OF HANDMADE SALT PRODUCTION SYSTEM IN THE NORTHERN COAST OF RIO GRANDE DO NORTE

Silva, Abigail Rute<sup>1</sup>; Costa, Diógenes Félix da Silva.<sup>1</sup>  
*abigail.rute@hotmail.com*

---

## **1. INTRODUÇÃO**

A utilização do sistema de salinas pelo homem é uma atividade que já existe a milênios, os primeiros registros sobre a extração do sal a partir da água do mar vieram da China, cerca de 2.500 a.C. Os procedimentos usados para tal prática era o de armazenar a água do mar em diques de argila e esperar a precipitação do sal, tendo a predominância de NaCl e alta quantidade de sais de magnésio e cálcio. (BAAS-BACKING, 1931). Segundo Costa (2013), as salinas são ecossistemas artificiais usados para a extração de sal marinho, sendo composto por vários tanques rasos (10 – 100 cm) que ficam interconectados, nesses tanques, acontecem a captação da água do mar/estuário e feita a transferência de um para o outro, esse movimento pode ser feito de duas formas, por gravidade ou bombeamento. No que se refere à produção de sal no Brasil, em um contexto histórico, os primeiros colonizadores não tinham conhecimento da produção do mineral no país, então, para uso próprio e atividades como salga da carne, peixe e curtimento do couro, os portugueses instalaram pequenas salinas em foz de rios que desembocavam no Atlântico, tornaram-se mais conhecidas as de Cunhaú no Rio Grande do Norte, Itamaracá no Pernambuco e Serigi em Sergipe (ANDRADE, 1995; CASCUDO, 1995). O processo histórico impulsionou a atividade salineira no litoral norte do Rio Grande do Norte, através dessa prática desenvolveram-se outros serviços ligados a produção de sal. Com o crescimento da atividade, o processo de modernização do parque

---

<sup>1</sup> UFRN/CERES, Laboratório de Monitoramento Ambiental, Caicó-RN.

salineiro do estado foi se desenvolvendo. Começaram a formar-se grandes unidades produtoras que acabaram por abandonar e paralisar as pequenas e médias salinas, acarretando vários problemas sociais como o desemprego (SANTOS, 2010).

## **2. OBJETIVO**

O presente trabalho tem como objetivo caracterizar e analisar as etapas de produção de sal artesanal no litoral setentrional Potiguar.

## **3. MATERIAIS E MÉTODOS**

A etapa inicial dos procedimentos metodológicos foram pesquisas bibliográficas prévias sobre a temática discutida e posteriormente visita in loco para conhecimento mais aprofundado da área do estudo. Para o cumprimento dos objetivos desse trabalho, foi necessária uma conversa com o senhor Antônio Constantino Filho, salineiro local, o mesmo detalhou todo o processo de extração de sal marinho nas salinas artesanais. Além disso foi realizada a marcação de pontos espaciais através de aparelho GPS (Global Position System) Garmin® eTrex 30, registros fotográficos e anotação de dados. Para a produção do material cartográfico serão coletadas imagens obtidas no WebSIGGoogle Earth®, dos anos de 2012 e 2013, através de imagens do Satélite Geoeye, distribuídos pela Image c 2013 Digital Globe neste WebSIG. O material citado será analisado em ambiente de Sistema de informação Geográfica, utilizando o software ArcGIS 10.1 (versão acadêmica) (CopyrightESRI©).

## **4. RESULTADOS**

As salinas artesanais, recebem esse nome por ainda manterem as práticas primárias de extração de sal marinho, a utilização de equipamentos rústicos e de uso humano marcam os procedimentos. A primeira etapa é o

armazenamento da água vinda direto do mar através de um canal de maré, essa água é colocada em um primeiro tanque (esse o maior da salina) que é popularmente chamado de “cerco de água fria”, para acelerar essa etapa inicial, o salineiro construiu uma espécie de “bomba” para sugar a água mãe (água do mar) direto para o cerco. O segundo procedimento é a passagem de água para o “chocador” que é o canal que fica entre um tanque e outro, após essa etapa a água é jogada nos tanques que nas salinas artesanais são chamados de “cerco” ou “balde” através da gravidade, é aberta uma espécie de comporta submersa ou divisória que permite a água entrar no cerco para iniciar o processo de precipitação do sal. Alguns salineiros já se utilizam de equipamentos muitas vezes criados por eles mesmos para facilitar o trabalho principalmente de transporte de água de um cerco a outro o que viabiliza e facilita o trabalho que na maioria das vezes ainda é feito de forma manual. Geralmente o próprio dono de salina é quem faz todo o trabalho de passagem de água para os baldes. Os cercos ou baldes que armazenam a água variam de tamanho principalmente por serem construídos pelos próprios salineiros e trabalhadores contratados por eles. Após a precipitação do Cloreto de Sódio que é realizada nos baldes, segue o processo de colheita do sal nos baldes é importante observar a espessura que esse sal atinge, de 2 a 3 cm do mineral. O processo é totalmente braçal realizado com pás e carros de mão.

## **5. DISCUSSÃO**

No estudo são caracterizados dois polos de produção de sal de forma artesanal, as salinas do Córrego e do Boi Morto, ambas localizadas no município de Grossos. Essa atividade está cada vez mais escassa devido a mão de obra que a mesma exige, porém principalmente pela modernização que e facilidade na extração do mineral que as salinas mecanizadas oferecem. Alguns polos artesanais estão sendo vendidos para ocupação das grandes salinas que existem na região. Contudo na pesquisa de campo foi possível identificar que essa prática continua coexistindo, há quem diga que isso ocorre por ser uma atividade hereditária e conter um valor emocional e patrimonial para seus

proprietários não implicando na renda principal dos mesmos.

## 6. CONCLUSÃO

A pesquisa de campo foi de suma importância para a caracterização dos ecossistemas de salinas artificiais, além da compreensão de todas as etapas de produção do mineral. A atividade está entrando em extinção na região, porém por se tratar de um patrimônio cultural, regional e suas práticas serem consideradas sustentáveis e menos agressivas ao ambiente, é importante que hajam meios e estudos nos quais a atividade continue existindo.

## 7. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. **O território do sal**: a exploração do sal marinho e a produção do espaço geográfico no Rio Grande do Norte. Natal: UFRN/CCHLA, Editora Universitária, 1995. 73 p.
- BAAS-BECKING, L. G. M. Historical notes on salt and salt-manufacture. **Scient Mon.**, v. 32, p. 434-446, 1931.
- COSTA, D. F. S.; **Caracterização ecológica e serviços ambientais prestados por salinas tropicais**. 2013. 206 f. Tese (Doutorado em Ecologia, Biodiversidade e Gestão de Ecossistemas) - Programa de Pós-graduação em Biologia, Departamento de Biologia, Universidade de Aveiro. Aveiro – Portugal, 2013.
- SANTOS, P. P. **Evolução econômica do Rio Grande do Norte (Século XVI a XXI)**. 3. ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2010.
- CASCUDO, L. C. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955. p. 57.

## 8. AGRADECIMENTOS

Ao Laboratório de Monitoramento Ambiental (UFRN/CERES), pelo apoio instrumental e logístico nos trabalhos de campo e de gabinete. A UFRN/PROGRAD, pela concessão de bolsa de Monitoria, no âmbito do projeto "Melhoria do ensino de Geografia e meio ambiente no CERES" e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (MCTI/CNPq/Universal Proc.447227/2014-9).

---